

EDUARDO COSTA PINTO

DESENVOLVIMENTO E CAPACIDADES
HUMANAS: DESAFIOS PARA O BRIC

Professor adjunto do Instituto de Economia da UFRJ; ex-técnico de Pesquisa e Planejamento do Ipea; doutor em Economia pela UFRJ. E-mail: eduardo.pinto@ie.ufrj.br.

DESENVOLVIMENTO E CAPACIDADES HUMANAS: DESAFIOS PARA O BRIC

EDUARDO COSTA PINTO

1. INTRODUÇÃO

A primeira década do século XXI foi marcada por um amplo leque de transformações na ordem econômica, política e social, que vão desde mudanças na geopolítica internacional e na divisão internacional da produção e do trabalho, passando pela elevação nos preços internacionais de *commodities*, pela queda nos preços de produtos industrializados e pela configuração de termos de troca favoráveis aos países em desenvolvimento (especialmente os africanos e latino-americanos) até a ampliação do consumo de massa em escala mundial, a redução da pobreza absoluta e as melhorias em saúde e educação em muitos países em desenvolvimento.

Boa parte dessas transformações foi decorrente dos efeitos direto e indireto da dinâmica econômica e social dos países emergentes, notadamente o Brasil, a Rússia, a Índia e a China. Esses quatro países, com grandes dimensões geográficas e demográficas, elevado potencial econômico e diferenças estruturais marcantes, passaram a ser conhecidos por BRIC, acrônimo criado em 2001 pelo grupo financeiro *Goldman Sachs* para designar os países destinados a ocupar posições cada vez mais relevantes na economia mundial.

O impressionante crescimento econômico dos BRIC na década de 2000, especialmente da China e Índia – 11 anos depois das previsões do *Goldman Sachs* –, não deixa dúvida no que diz respeito ao novo papel de destaque desempenhado por esses países na economia internacional, sobretudo após a crise internacional de 2008, já que as economias dos Estados Unidos e da Europa vêm atravessando um período longo de baixo crescimento desde então. Os sinais atuais (em 2012) não são nada anima-

dores para os países centrais. Nesse sentido, os BRIC assumirão cada vez mais uma maior participação na economia mundial.

A forte expansão econômica recente desse grupo de países, especialmente da China, é inegável. Mas será que esse crescimento econômico se reverteu em desenvolvimento humano¹? Em outras palavras, será que o avanço da produção de mercadorias *per capita* desses países funcionou como um dos meios para o aumento da qualidade de vida das pessoas²? Não se pretende aqui responder essa questão em todas as suas dimensões em virtude do escopo deste trabalho, mas é preciso deixar claro que o crescimento econômico não necessariamente vem acompanhado do avanço do desenvolvimento humano.

Diante disso, este informe tem como objetivo apresentar linhas gerais da dinâmica econômica e social (saúde, educação, infraestrutura social, distribuição de renda e pobreza, etc.) dos países do grupo BRIC ao longo da década de 2000, buscando verificar se o crescimento econômico observado funcionou como um dos meios para o desenvolvimento humano desses países.

Além desta introdução, este trabalho divide-se em mais três seções. Na segunda, descreve-se a evolução econômica e demográfica dos BRIC ao longo dos anos 2000, buscando apresentar algumas particularidades do padrão de crescimento desses países, bem como o papel de destaque que a China assumiu na economia mundial, gerando transformações estruturais. Na seção 3, enseja-se discutir, em linhas gerais, a evolução das múltiplas dimensões (saúde, educação, infraestrutura social, distribuição de renda e

-
- 1 Para o UNDP (1990, p. 10), o desenvolvimento humano “is a process of enlarging people’s choices. In principle, these choice can be infinite and change over time. But at all levels of development, the three essential ones are for people to lead a long and healthy life, to acquire knowledge and to have access to resources needed for a decent standard of living. If these essential choices are not available, many other opportunities remain inaccessible. But human development does not end there. Additional choices, highly valued by many people, range from political, economic and social freedom to opportunities for being creative and productive, and enjoying personal self-respect and guaranteed human rights”.
 - 2 Sen (1993, p. 03) afirma que a qualidade da vida humana “é em si mesma uma questão muito complexa”. Para tentar operacionalizar esse conceito, ele utiliza o “enfoque da capacidade [que] concebe a vida humana como um conjunto de ‘atividades’ e de ‘modos de ser’ que poderemos denominar ‘efetivações’. [Com isso, ele] relaciona o julgamento sobre a qualidade da vida à avaliação da capacidade de funcionar ou de desempenhar funções”. Nesse sentido, a qualidade só pode ser alcançada por meio da construção de capacidades humanas.

pobreza) do desenvolvimento humano dos BRIC no início do século XXI, destacando que milhares de pessoas saíram da miséria. Por fim, na seção 4, procura-se alinhar algumas ideias a título de conclusão, em particular os principais desafios que os BRIC terão que enfrentar para construir capacidades humanas.

Os dados e indicadores utilizados foram extraídos das bases de dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial (BM) e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) da Organização das Nações Unidas (ONU). Para facilitar a exposição, não apresentaremos ao longo do texto todos os dados anuais dos indicadores econômicos e sociais dos BRIC da década de 2000, no entanto eles podem ser observados no anexo estatístico, em que há uma apresentação detalhada da evolução anual das principais estatísticas econômicas e sociais.

2. DIMENSÕES DEMOGRÁFICAS E ECONÔMICAS DOS BRIC: DINÂMICA DA DÉCADA DE 2000

A população dos BRIC representou 42,3% da população mundial em 2011 (6.834.000.000 de pessoas), sendo que o Brasil, a Rússia, a Índia e a China possuíam 195, 142, 1.207 e 1.348 milhões de habitantes, respectivamente.

Entre 2000 e 2011, a proporção da população com idade entre 0-14 decresceu de forma significativa no Brasil, na Rússia, Índia e China (15,4%, 16%, 13% e 25%, respectivamente), ao passo que as proporções da população cresceram em todos os países do BRIC para as coortes de 15-64 anos (4,5% no Brasil; 3,7% na Rússia; 6,1% na Índia; e 7,5% na China) e de 65 anos ou mais (29,5%, 2,8%, 18,1% e 19,5% no Brasil, na Rússia, Índia e China, respectivamente).

A evolução dessas populações por coortes, entre 2000 e 2011, foi fruto da redução da taxa de fecundidade dos BRIC, com a exceção da Rússia (de 2,4 para 1,8 no Brasil; de 3,1 para 2,6 na Índia; e de 1,7 para 1,6 na China), e do aumento da expectativa de vida ao nascer (de 70,1 para 73,1 no Brasil; de 65,3 para 68,8 na Rússia; de 61,6 para 65,1 na Índia; e de 71,2 para 73,3 na China), uma vez que se observou uma redução da mortali-

dade infantil em todos os países (de 44,6%, de 50%, de 23,1% e 42,1% para o Brasil, a Rússia, a Índia e a China, respectivamente).

Essa dinâmica demográfica de redução do grupo etário mais jovem implicará, nos próximos anos, para os BRIC, uma menor demanda por educação de primeiro grau, ao passo que o aumento do grupo etário de 15-64 anos implicará uma maior pressão sobre o mercado de trabalho (necessidade de geração de novas vagas), assim como uma maior demanda por escolas de segundo e terceiro graus. O crescimento do grupo etário com 65 anos ou mais implicará a necessidade de ampliação dos serviços apropriados para atender a demanda da terceira idade, em particular, previdência social, saúde e lazer. Cabe observar que essa maior demanda já é verificada hoje na Rússia, que detém a maior proporção de pessoas com mais de 65 anos (12,8% em 2011) entre os países dos BRIC.

O segmento etário potencialmente produtivo (15-64 anos) elevou-se em um ritmo maior do que a população economicamente dependente (0-14 anos e 60 anos ou mais) nos BRIC entre 2000 e 2011, provocando assim reduções nas razões de dependências³ de 54 para 47,4 no Brasil, de 44,1 para 38,9 na Rússia, de 63,8 para 54,3 na Índia e de 48,1 para 37,8 na China. Isso significa que ocorreu uma redução, nesses países, da participação da população potencialmente inativa que tem que ser sustentada pela parcela potencialmente produtiva. Essa situação demográfica é um bônus quando as taxas de desemprego estão em níveis baixos, pois quase toda população potencialmente ativa encontra-se empregada, gerando mais mercadorias e renda em um momento em que a proporção da população dependente é menor.

Além das mudanças demográficas, as populações dos BRIC entre 2000 e 2010 passaram a morar cada vez mais nas cidades, com a exceção da Rússia, em virtude do processo acelerado de urbanização decorrente do maior crescimento econômico – as taxas de urbanização elevaram-se de 81,2% para 86,5% no Brasil; de 27,7% para 30,1% na Índia; e de 35,8% para 44,9% na China; só caíram de 73,4% para 72,8% na Rússia.

3 Razão entre a população de 0 a 14 anos mais a de 65 anos ou mais e a população de 15 a 64 anos. Isso mede a participação relativa da população potencialmente inativa que deve ser sustentada pela parcela da população potencialmente produtiva.

Essa ampliação da urbanização no Brasil, na Índia e, especialmente, na China está atrelada aos avanços econômicos. Entre 2000 e 2011, com a exceção brasileira, os outros três países do BRIC obtiveram crescimentos econômicos muito acima da elevação do PIB mundial (3,7% a.a. em média, entre 2000 e 2011). Isso gerou um aumento na participação das economias desses países no PIB mundial, que saltou de 8% em 2000 para 19,1% em 2011.

A expansão econômica desses países, associada à redução de seus crescimentos populacionais devido à queda na fecundidade, proporcionou significativa expansão do PIB *per capita* entre 2000 e 2011, que saltou de US\$ 3.762 para US\$ 12.789 no Brasil; de US\$ 1.775 para US\$ 12.993 na Rússia; de US\$ 465 para US\$ 1.389 na Índia; e de US\$ 946 para US\$ 5.414 na China. Cabe observar que comparações internacionais por meio do PIB *per capita* (em dólares) não necessariamente expressam as diferenças em termos de prosperidade material, já que esse procedimento não incorpora os diferentes rendimentos e custos de vida dos países. Portanto, para analisar a evolução da prosperidade material, faz-se necessário utilizar o conceito de PIB *per capita* em paridade do poder de compra (PPP).

Entre 2000 e 2011, o PIB *per capita* em PPP cresceu em média 5% a.a. no Brasil (de US\$ 7.207 para US\$ 11.769), 10% a.a. na Rússia (de US\$ 7.661 para US\$ 16.736), 12% a.a. na Índia (de US\$ 1.534 para US\$ 3.694) e 21% a.a. na China (de US\$ 2.379 para US\$ 8.382). Isso vem provocando mudanças nos padrões de consumo desses países, gerando aumento no consumo de energia, de bens duráveis e não duráveis e de alimentos. Apesar desse crescimento, o consumo *per capita* desses produtos nos BRIC ainda é muito distante do padrão de consumo dos países mais desenvolvidos.

Vejam agora de forma resumida a dinâmica econômica de cada um dos países dos BRIC, destacando o papel que a China exerce para as atuais transformações da economia mundial.

A China, ao longo da década de 2000, continuou o seu processo de crescimento econômico em curso desde 1978 (crescimento de 10% do PIB entre 1980 e 2010). A diferença em relação à última década é que ficou

evidente a ascensão mundial chinesa⁴. Entre 2000 e 2011, o PIB chinês elevou-se em 10,2% a.a., o consumo das famílias cresceu 7,7% a.a. e os investimentos expandiram em 12,5% a.a., gerando crescimento da Formação Bruta de Capital Fixo (FBKF) em proporção do PIB (de 34,1% para 44,4%) e a manutenção das taxas de desemprego em patamares baixos (cerca de 4% ao longo da década). Mesmo com esse forte crescimento, a inflação média foi de apenas 2,3% a.a. no período.

Esse aumento da importância da economia chinesa na primeira década do século XXI tem provocado, segundo Castro (2011), transformações estruturais de longo prazo no sistema econômico mundial, a saber: i) elevação (e manutenção em níveis altos em termos históricos recentes) dos preços internacionais das *commodities*; ii) redução e/ou estabilização dos preços mundiais dos produtos industriais fruto da pressão competitiva da produção industrial da China; iii) manutenção dos termos de troca favorável aos países em desenvolvimento que exportam *commodities*; e iv) ampliação do consumo de massa no mundo em virtude da mudança de preço relativo entre manufaturas e salários, que vem permitindo o acesso a produtos industriais a segmentos da população mundial que até então viviam na condição de subsistência.

Essas transformações foram decorrência do novo papel de duplo polo desempenhado pela China. No primeiro polo, afirmou-se como principal produtor e exportador mundial de produtos da tecnologia da informação (TI) e de bens de consumo industriais intensivos em mão de obra e em tecnologia, transformando-se na “fábrica do mundo”. Em outro, aparece como grande mercado consumidor para a produção mundial de máquinas e equipamentos de alta tecnologia, notadamente da Alemanha, do Japão e da Coreia, e para produção de *commodities* (petróleo, minerais, produtos agrícolas, etc.), transformando-se em importador líquido para Ásia, África e também para os países latino-americanos (MEDEIROS, 2006).

Cabe observar que as condições para o crescimento chinês da última década – como também nos anos 1980 e 1990 – estiveram associadas aos

4 A participação da China no PIB global (em dólares correntes) aumentou de 1,8% em 1990 para 9,3% em 2010, tornando-se a segunda economia do mundo.

condicionantes externos⁵ e internos, pautados por uma nova estratégia nacional, centrada no crescimento econômico, nas reformas e na modernização da indústria, que nasceu a partir das reformas iniciadas em 1978 e teve em Deng Xiaoping seu principal idealizador (PINTO, 2011).

As estratégias de reformas e abertura da China, iniciadas em 1978 e aceleradas em 1992, geram dois eixos articulados propulsores do crescimento desse país. De um lado, a dinâmica exportadora promovida pela configuração das zonas econômicas especiais – que funcionavam como zonas de processamento de exportações – e pela política cambial (manutenção do iuan desvalorizado em relação ao dólar); e, do outro, a dinâmica interna puxada pela expansão da formação bruta de capital fixo, sobretudo os investimentos públicos em infraestrutura.

O Brasil na década de 2000 atravessou o seu maior ciclo de crescimento das últimas três décadas. Entre 2000 e 2011, o PIB cresceu 3,6% ao ano, quase o dobro do observado entre 1980 e 1999, e o consumo das famílias e os investimentos (FBKF) elevaram-se em 3,9% e 4,5% ao ano, respectivamente, provocando elevação da FBKF em proporção do PIB (16,8% para 19,3%) e forte redução da taxa de desemprego (de 11,3% para 6,7%).

Os resultados macroeconômicos da década evidenciaram dinâmicas diferentes entre 2003-06 e 2007-10. No primeiro período, o crescimento brasileiro foi fortemente impulsionado pela dinâmica externa de forma direta (aumento das exportações de bens e serviços – crescimento de 13,2% a.a. entre 2000 e 2011) e indireta (elevação dos investimentos dos setores exportadores). A redução da restrição externa e a expansão do PIB no período estiveram associadas às mudanças internacionais favoráveis (decorrente do “efeito China”), que geraram um extraordinário *boom* nos preços das *commodities* que o Brasil exporta e a redução dos preços das manufaturas e dos bens de capital importadas pelo País (PINTO, 2010).

No segundo momento (2007-10), a dinâmica externa favorável se soma à expansão do mercado interno, fruto da flexibilização da orientação

5 Os principais condicionantes externos do milagre econômico foram: i) a aproximação entre os Estados Unidos e a China iniciada em 1978; ii) a ofensiva comercial americana contra o Japão por meio do Acordo de Plaza em 1985; iii) a ascensão da China na OMC, em novembro de 2001; e iv) a configuração do eixo sino-americano na década de 2000. Para uma discussão detalhada, ver Pinto (2011).

contracionista da política econômica, criando assim uma expansão econômica sustentada pelos investimentos e pelo consumo das famílias (crescimento médio entre 2007 e 2010 de 10,5% e de 5,8%, respectivamente), que parece ter criado a partir de 2006 um consumo de massas que articula crescimento e distribuição de renda. O aumento real do salário mínimo e a ampliação dos programas de transferência de renda foram os dois principais fatores da expansão do consumo das famílias brasileiras (PINTO, 2010).

Além das políticas de renda e distributivas, a expansão do mercado interno foi estimulado por meio de políticas creditícias expansionistas (entre dez. 2003 e dez. 2010, o crédito expandiu-se de 26,1% do PIB para 45,2% do PIB) e das medidas de combate à crise internacional.

A década de 2000 na Rússia foi marcada pela recuperação do seu Estado, que havia sido desestruturado com as reformas liberais de Boris Yeltsin nos anos 1990 – gerando a destruição do poder estatal e o surgimento de grandes máfias e oligarquias –, e pela afirmação de um projeto nacionalista assentado na exportação de recursos naturais (basicamente petróleo e gás) e na ampliação e internacionalização do mercado interno russo. A recomposição institucional e econômica da Rússia possibilitou uma significativa expansão econômica (MEDEIROS, 2011; NOZAKI et al., 2011). O PIB russo cresceu em média 5,3% ao ano entre 2000 e 2011 – apesar da forte queda de 7,8% em 2009, decorrente da crise internacional – e o consumo das famílias e os investimentos (FBKF) expandiram em 10,1% e 9,6% ao ano em média, respectivamente. Essa dinâmica gerou uma expansão da FBKF em proporção do PIB (de 16,9% para 23,1%) e uma significativa queda na taxa de desemprego (de 10,6% para 7,4%).

A expansão econômica russa foi gerada basicamente pela dinâmica do setor exportador (elevação nas exportações de 6,1% a.a entre 2000 e 2011), basicamente petróleo e gás, tanto no que diz respeito aos seus efeitos para a redução da vulnerabilidade externa como no que se refere aos investimentos impulsionados pelas empresas desse setor de energia. Para Medeiros (2011, p. 34), “o maior controle pelo país das rendas petrolíferas e do sistema financeiro permitiu ampliar – ainda que sem alterar essencial o padrão de crescimento [primário exportador] – os impulsos do setor exportador para o conjunto da economia”.

Assim como o Brasil, a Rússia foi beneficiada pelas transformações internacionais, decorrentes do “efeito China”, que proporcionaram uma forte elevação dos preços de petróleo e gás exportados pelos russos e uma queda dos preços das manufaturas importadas.

Apesar dos avanços, a crise internacional de 2008, com seus fortes efeitos para a economia russa, evidenciou a dificuldade para manter a expansão da renda e do consumo a partir do atual padrão primário exportador da Rússia, bem como acelerou as iniciativas governamentais de modernização tecnológica e industrial (MEDEIROS, 2011; POMEROZ, 2011).

Assim como nos outros países do BRIC, a Índia também vivenciou ao longo dos anos 2000 um favorável desempenho econômico. Entre 2000 e 2011, o PIB indiano expandiu-se em média 7,3% ao ano, o consumo das famílias cresceu 6,5% ao ano em média, a inflação permaneceu sob controle (média de 6,3%) e a taxa de desemprego foi inferior a 5%.

Essa expansão econômica indiana foi gerada pela expansão dos investimentos (9,8% ao ano em média entre 2000 e 2011) e das exportações de bens e serviços (15% ao ano em média entre 2000 e 2011), notadamente de serviços atrelados à tecnologia da informação.

A causa desse desempenho econômico indiano é alvo de ampla controvérsia na literatura econômica. Por um lado, defende-se que a trajetória recente seria uma decorrência das reformas liberalizantes implementadas nos anos 1990, que teriam criado ganhos de eficiência e competitividade nas exportações. Por outro lado, argumenta-se que esse maior dinamismo é fruto de reformas realizadas ainda na década de 1980 e da ampliação da presença do Estado (PRATES; CINTRA, 2009; VIEIRA; VERISSIMO, 2009).

Para Vieira e Veríssimo (2009), o resultado positivo indiano é fruto dos seguintes fatores: “i) continuidade das reformas iniciadas nos anos 1980 para propiciar o aumento da produtividade na economia; ii) política macroeconômica voltada ao crescimento e à geração de empregos; e iii) uma visão estratégica de longo prazo, que mantém o planejamento e a presença do Estado”.

Os dados econômicos são deixam dúvidas a respeito dos ganhos econômicos dos países do BRIC, mas será que esses países avançaram no que diz respeito ao desenvolvimento humano?

3. DESENVOLVIMENTO HUMANO EM SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES (EDUCAÇÃO, SAÚDE, INFRAESTRUTURA SOCIAL, DISTRIBUIÇÃO DE RENDA E POBREZA) NOS BRIC: MILHARES DE PESSOAS SAÍRAM DA MISÉRIA

Para que o desenvolvimento humano seja alcançado, o crescimento econômico (medido pela expansão do PIB *per capita*) deve ser um dos meios para o enriquecimento da vida das pessoas por meio da criação de um ambiente de ampliação de liberdades que possibilite às pessoas desfrutarem de vidas longas, saudáveis e criativas. Nesse sentido, o desenvolvimento humano só consegue ser medido e analisado a partir de uma coleção de informações a respeito das liberdades que as pessoas desfrutam e da maneira como vivem (SEN, 1993; PNUD, 2010).

A principal medida utilizada para verificar o nível e a evolução do desenvolvimento humano dos países é o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)⁶, calculado pelo Pnud-ONU, que é um indicador das três dimensões básicas do desenvolvimento humano, a saber: vida longa e saudável (esperança de vida ao nascer), acesso ao conhecimento (média de anos de escolaridade e anos de escolaridade esperado) e um padrão de renda (RNB *per capita* em PPP \$ de 2005) que permita uma vida digna.

Em 2011, entre os países do BRIC, a Rússia foi o mais bem classificado no *ranking* do IDH (posição 66; IDH = 0,718), seguida pelo Brasil (posição 84; IDH=0,755), pela China (posição 101; IHD = 0,678) e pela Índia (posição 134; IDH = 0,547). Apesar da melhor classificação da Rússia, ela foi o único país, dentre os BRIC, que perdeu posição na classifica-

6 O índice varia de zero (nenhum desenvolvimento humano) a 1 (desenvolvimento humano total). Os países estão divididos em grupos de IDH muito elevado, elevado, médio e baixo, com base nos quartis do IDH do conjunto de 187 países. Essa classificação do IDH de um país se dá da seguinte maneira: muito elevado quando o seu IDH estiver no quartil superior, elevado quando o seu IDH estiver entre 51-75 percentis, médio quando o seu IDH estiver entre 26-50 percentis e baixo quando o seu IDH estiver no quartil inferior. Anteriormente, a classificação utilizava limites absolutos em vez de relativos (PNUD, 2010).

ção do IDH entre 2000 e 2011 (de 65 para 66), mesmo com o crescimento do IDH de 0,81% ao ano em média. Já o crescimento do IDH do Brasil (0,69%), da Índia (1,56%) e da China (1,43%) proporcionou melhoras em suas classificações no *ranking* do IDH entre 2000 e 2011 (passando da posição 87 para 84, 135 para 134 e 106 para 101, respectivamente), ao passo que a Rússia caiu uma posição de 65 para 66 (Tabela 1). Um dos elementos explicativos dessa queda russa esteve associado ao aspecto de não-rendimento do IDH.

Tabela 1. Evolução do IDH dos BRIC – 2000-2011

	Desenvolvimento Humano em 2011	Classificação do IDH		Índice do Desenvolvimento Humano (IDH) (valor)		Média anual de crescimento do IDH (%)
		2000	2011	2000	2011	2000-2011
Brasil	Elevado	87	84	0,665	0,718	0,69
Rússia	Elevado	65	66	0,691	0,755	0,81
Índia	Médio	135	134	0,461	0,547	1,56
China	Médio	106	101	0,588	0,678	1,43

Fonte: Pnud-ONU.

A evolução positiva do IDH dos países do BRIC, apesar da queda na classificação da Rússia, evidencia uma melhora na qualidade de vida dessas populações. É necessário ainda apresentar outros indicadores de desenvolvimento humano, que não compõem o IDH, para analisarmos de forma mais específica a evolução da qualidade de vida desses povos. Vejamos alguns indicadores.

No campo da educação (acesso ao conhecimento), que é considerada uma capacitação básica que afeta o desenvolvimento e a expansão de outras capacitações, a Rússia é o país mais avançado dos BRIC ao passo que a Índia é o mais atrasado. A proporção da população de jovens (15-24 anos) e de adultos (15 anos e acima) alfabetizados aumentou em todos os

países do BRIC ao longo dos anos 2000⁷, sendo que a Rússia fora o país que praticamente não tinha mais analfabetos jovens e adultos.

Além da redução do analfabetismo, verificou-se significativa expansão do acesso ao ensino pré-primário, secundário e do universitário da população dos países BRIC na década de 2000 (ver Tabela 3, anexa). No Brasil e na Rússia, o acesso ao ensino primário e secundário foi praticamente universalizado. A diferença é que na Rússia o acesso ao ensino pré-primário e superior (89,9% e 75,9% da população, respectivamente) é bem mais elevado do que o observado no Brasil. No caso indiano, o acesso foi universalizado apenas no ensino primário, ao passo que, em outras fases educacionais (pré-primário, secundário e superior), o acesso ainda é muito restrito, ficando inclusive abaixo da média mundial. Na China, o acesso foi universalizado no ensino primário, e o acesso nas outras fases educacionais (pré-primário, secundário e superior) está crescendo de forma acelerada, notadamente no ensino superior, em que a taxa bruta de matrícula passou de 8% em 2000 para 25,9% em 2010 (Tabela 3, anexa).

Essa expansão do acesso à educação nos países do BRIC não foi necessariamente acompanhada pela melhora da qualidade de ensino nos países. O Brasil é o exemplo negativo, já que a universalização do ensino primário e secundário ocorreu sem que isso implicasse uma melhora da qualidade⁸ e uma redução dos gargalos nas transições entre diferentes fases de ensino. Isso fica evidenciado pelas elevadas taxas de repetência dos estudantes brasileiros do primário e do secundário em relação aos estudantes dos outros países do BRIC (ver Tabela 3, anexa).

Cabe destacar que o Brasil apresentou maiores gastos em educação (% PIB) do que a Rússia, que detém um sistema educacional de melhor qualidade do que o brasileiro segundo as avaliações internacionais – tal como o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) da OCDE.

7 A taxa de jovens alfabetizados passou de 94,2% em 2000 para 97,8% em 2008 no Brasil; manteve-se em 99,7% em 2002 e 2009 na Rússia; de 76,4% em 2001 para 81,1% em 2006 na Índia; e de 98,9% em 2000 para 99,4 em 2009 na China. Já a taxa de adultos alfabetizados evoluiu da seguinte maneira: de 86,4% em 2000 para 90% em 2008 no Brasil; de 99,4% em 2002 para 99,6% em 2009 na Rússia; de 61% em 2001 para 62,8% em 2006 na Índia; e de 90,9% em 2000 para 94% em 2009 na China.

8 Na última avaliação de 2009 do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) da OCDE, para estudantes de 15 anos, o Brasil ficou em 53º colocado entre os 65 países participantes.

O exemplo positivo vem da China, na medida em que está conseguindo ampliar o acesso ao ensino com a ampliação da qualidade, tendo ficado, inclusive, na primeira colocação na avaliação do Pisa em 2009.

No âmbito da saúde, verificaram-se significativas melhorias nos indicadores selecionados para os países do BRIC entre 2000 e 2010. As taxas de mortalidade infantil e materna caíram de forma significativa, a imunização tríplice bacteriana foi ampliada e a incidência de tuberculose reduziu em todos os países do grupo (ver Tabela 4, anexa). Além disso, as expectativas de vida ao nascer em todos os países do BRIC elevaram-se entre 2000 e 2010 (4,2% no Brasil; 5,3% na Rússia; 5,7% na Índia; e 2,9% na China).

A infraestrutura social dos BRIC também se expandiu de forma significativa nos anos 2000. No entanto, cabe observar que a proporção da população indiana com acesso à infraestrutura ainda é muito baixa. Em 2009, quase 100% das populações brasileira e chinesa tinham acesso à energia elétrica, ao passo que apenas 66,3% da população indiana possuía energia elétrica. No que se refere ao acesso à água potável, verificou-se que mais de 90% da população dos BRIC teve acesso a esse benefício em 2010. O acesso da população dos BRIC a instalações sanitárias elevou-se entre 2000 e 2010, com a exceção do caso russo (de 74% para 79% no Brasil; de 72% para 70% na Rússia; de 25% para 34% na Índia; e de 44% para 64% na China) (Tabela 5, anexa).

A distribuição de renda apresentou padrões diferenciados ao longo dos anos 2000 no âmbito dos BRIC. No Brasil, ocorreu um processo de melhora na distribuição de renda entre 1999 e 2009, mas ainda se mantêm níveis elevados de concentração⁹. No caso da Rússia, verificou-se uma estabilidade na distribuição de renda entre 1999 e 2009¹⁰ e a manutenção de níveis menores de concentração de renda. Os dados disponíveis para a Índia não permitem verificar a evolução da distribuição da renda ao longo da década de 2000, no entanto, as informações da renda dos 10% e 20%

9 A renda dos 10% mais ricos em relação aos 10% mais pobres era 87,1 vezes em 1999 e caiu para 55,5 vezes em 2009, ao passo que a renda média dos 20% mais ricos em relação aos 20% mais pobres era 29 vezes em 1999 e reduziu para 20,6 vezes em 2009.

10 A renda média dos 10% mais ricos era 11,3 vezes maior do que a dos 10% mais pobres em 1999 e passou para 11,5 vezes em 2009; já a renda dos 20% mais ricos fora 7,1 vezes maior que a dos 20% mais pobres e passou para 7,3 vezes em 2009.

mais ricos e mais pobres da Índia em 2005 possibilitam inferir que o país é o que apresenta o maior nível de distribuição de renda entre os BRIC. Na China, a distribuição de renda piorou entre 1999 e 2005, entretanto, ainda se verificam níveis baixos de concentração de renda¹¹.

A redução da pobreza monetária observada no âmbito dos BRIC¹² foi algo de impressionante na década de 2000, especialmente na China. Entre 2000 e 2009, a proporção da população brasileira que ganhava menos do que US\$ 2 por dia (PPP) diminuiu de 21,3% para 10,8%; com isso, 15,6 milhões de pessoas passaram a ganhar mais do que esse valor. Na Índia, a parcela da população que ganhava menos do que US\$ 2 por dia (PPP) entre 2005 e 2010 caiu de 75,6% para 68,7%, portanto, 22,1 milhões de indianos passaram a ganhar acima dos US\$ 2 por dia (PPP). Apesar da melhora, o nível de pobreza monetária da Índia ainda é muito alto (quase 70% da população em 2010). Entre 2000 e 2008, a parcela da população chinesa que recebia menos do US\$ 2 por dia (PPP) reduziu de 61,4% para 29,8%; logo, 381,1 milhões de chineses saíram da condição de pobreza. Isso equivale ao dobro da população brasileira deixando a condição de pobreza em apenas oito anos. Situação positiva impressionante.

4. CONCLUSÃO

As linhas gerais da evolução econômica e social dos BRIC ao longo da década 2000 apresentadas neste informe evidenciaram que o crescimento econômico desse grupo funcionou como elemento importante para aumentar a qualidade de vida dessas populações, pois tanto o IDH como os outros indicadores selecionados mostraram uma melhora no desenvolvimento humano desses países.

A melhora dos indicadores de educação (redução do analfabetismo, aumento da taxa bruta de matrícula, etc.) dos BRIC potencializa a amplia-

11 A renda média dos 10% mais ricos em relação aos 10% mais pobres era 10,9 vezes em 1999 e elevou-se para 17,9 vezes em 2005; já a renda média dos 20% mais ricos em relação aos 20% mais pobres fora 7,2 vezes em 1999 e aumentou para 9,6 vezes em 2009.

12 As bases de dados disponíveis não tinham informações a respeito da redução da pobreza monetária na Rússia.

ção de uma das capacidades básicas da população desses países: o acesso ao conhecimento, que, por si só, já possui um valor intrínseco e também possibilita a ampliação de outras capacidades. Além dessa dimensão, a evolução positiva da saúde da população, evidenciada pelas informações apresentadas, também possibilita uma vida mais longa e saudável para uma maior parte da população, potencializando para a população uma maior capacidade de funcionar e desempenhar funções.

A saída de quase 418,8 milhões de pessoas da condição pobreza absoluta (que ganhavam menos do que US\$ 2 por dia (PPP)) no Brasil, na Índia e na China significou um dos avanços mais relevantes para o desenvolvimento humano desses países, pois a pobreza, como afirma Sen (1993), é a privação das capacidades na medida em que impede a igualdade de oportunidades, dificultando em muito a configuração da liberdade substantiva que as pessoas devem ter para buscar seus objetivos.

É preciso observar que muitos dos avanços observados nesse grupo de países ainda estão circunscritos aos funcionamentos básicos da qualidade de vida das pessoas – ou, em uma linguagem esquemática das capacidades, “[...] ao vetor de *commodities*, onde se encontram os meios para realizar” (BARDEN, 2009, p. 42) –, sendo assim, faz-se necessário avançar ainda muito no que diz respeito ao vetor de funcionamento das capacidades, que significa os espaços (privados e públicos) em que se localizam as liberdades para realizar ou desempenhar funções com o objetivo de alcançar as realizações (vetor dos funcionamentos realizados) (BARDEN, 2009).

A China, por exemplo, foi o país do BRIC que mais avançou em termos do funcionamento básico; contudo, foi o que menos ampliou os espaços públicos e privados de liberdades em virtude de sua estrutura institucional de poder marcada pelas cadeias hierárquicas do partido único e das proibições de qualquer tipo de manifestações (cultural, política, artística, etc.) que possa ir de encontro com a ordem estabelecida pelo partido comunista chinês (PCC).

Na Índia – que é a maior democracia liberal do planeta em termos populacionais –, a população enfrenta ainda enormes privações básicas que inclusive estão associadas à hierarquia social rígida das castas que cria seres humanos inferiores.

A população russa, sem dúvida, é a que possui o maior nível de capacidades básicas em virtude de seus avanços no campo da educação, da saúde e da distribuição de renda – parte ainda da herança da antiga União Soviética –, mas ainda apresenta dificuldades em construir espaços públicos e privados livres. Essa dificuldade pode ser evidenciada por dois fatos recentes da história russa: i) a completa apropriação privada dos espaços públicos durante as reformas liberais dos anos 1990; e ii) a forte redução dos espaços privados livres a partir da reestruturação do Estado russo na década de 2000, durante o governo de Vladimir Putin.

A população brasileira talvez seja a que possui o maior espaço (público e privado) em que se localizam as liberdades entre os países do BRIC; entretanto, ainda detém déficits básicos profundos, apesar dos avanços recentes, na distribuição de renda, na questão da qualidade da educação e no acesso à saúde de qualidade.

Os desafios que os BRIC terão que enfrentar para avançar no desenvolvimento humano são enormes. Alguns passos já foram dados, mas o caminho é longo e cheio de curvas sinuosas. É preciso ainda avançar nas análises das complexas conexões entre o crescimento econômico e o desenvolvimento humano de cada país do BRIC. Tarefa que não foi possível aqui em virtude do escopo deste informe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDEN, J. **Indicador social para o Rio Grande do Sul: uma análise a partir da abordagem das capacidades**. 2010. Tese (Doutorado em Economia) - Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

MEDEIROS, C. A China como um duplo pólo na economia mundial e a recentralização da economia asiática. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 577-594, jul./set. 2006.

MEDEIROS, C. A economia política da transição na Rússia. In: ALVES, A. **Uma longa transição: vinte anos de transformação na Rússia**. Brasília: Ipea, 2011.

NOZAKI, W.; LEÃO, R.; MARTINS, A. A ascensão chinesa e a nova geopolítica e geoeconomia das relações sino-russas. In: LEÃO, R.; PINTO, E.; ACIOLY, L. (Orgs.) **A China na nova configuração global**. Brasília: Ipea, 2011.

PINTO, E. **Bloco no Poder e Governo Lula: grupos econômicos, política econômica e novo eixo sino-americano**. 2010. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. O eixo sino-americano e as transformações do sistema mundial: tensões e complementaridades comerciais, produtivas e financeiras. In: LEÃO, R.; PINTO, E.; ACIOLY, L. (Orgs.). **A China na nova configuração global**. Brasília: Ipea, 2011.

POMERANZ, L. Rússia: mudanças na estratégia de desenvolvimento. In: ALVES, A. **Uma longa transição: vinte anos de transformação na Rússia**. Brasília: Ipea, 2011.

PRATES, D.; CINTRA, M. Índia: a estratégia de desenvolvimento – da independência aos dilemas da primeira década do século XXI. In: CARDOSO, J.; ACIOLY, L.; MATIJASCIC, M. (Orgs.) **Trajatórias recentes de desenvolvimentos**. Brasília: Ipea, 2009.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO - (Pnud). **Relatório de Desenvolvimento Humano 2010: Edição do 20º Aniversário**. New York: Oxford University, 2011.

SEN, A. **O desenvolvimento como expansão de capacidades**. São Paulo: Lua Nova, 1993.

UNITED NATIONS FOR DEVELOPMENT PROGRAM – UNDP. **Human Development Report 1990**. New York: Oxford University, 1991.

VIEIRA, F.; VERISSIMO, M. Crescimento econômico em economias emergentes selecionadas: Brasil, Rússia, Índia, China (BRIC) e África do Sul. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 18, n. 3, dez. 2009.

ANEXOS

Tabela 1. Produto Interno Bruto (PIB) e demografia – BRIC e mundo

Variáveis	Países	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Variação do PIB (%)	Brasil	4,3	1,3	2,7	1,1	5,7	3,2	4,0	6,1	5,2	-0,3	7,5	2,7
	Rússia	10,0	5,1	4,7	7,3	7,2	6,4	8,2	8,5	5,2	-7,8	4,3	4,3
	Índia	5,2	3,9	4,6	6,9	7,6	9,0	9,5	10,0	6,2	6,6	10,6	7,2
	China	8,4	8,3	9,1	10,0	10,1	11,3	12,7	14,2	9,6	9,2	10,4	9,2
	Mundo	4,7	2,4	2,9	3,7	4,9	4,5	5,2	5,4	2,8	-0,6	5,3	3,9
PIB per capita (US\$)	Brasil	3.762	3.190	2.867	3.085	3.654	4.787	5.869	7.281	8.704	8.472	11.089	12.789
	Rússia	1.775	2.106	2.380	2.984	4.120	5.348	6.962	9.153	11.704	8.617	10.408	12.993
	Índia	465	467	481	549	630	729	807	1.009	1.081	1.068	1.342	1.389
	China	946	1.038	1.132	1.270	1.486	1.726	2.064	2.645	3.404	3.739	4.421	5.414
	Mundo	5.410	5.307	5.448	6.047	6.716	7.138	7.637	8.513	9.239	8.615	9.296	10.193
PIB em paridade do poder de compra (US\$ bilhões)	Brasil	1.234	1.279	1.334	1.378	1.495	1.585	1.701	1.857	1.996	2.010	2.187	2.294
	Rússia	1.121	1.205	1.282	1.404	1.547	1.697	1.894	2.116	2.276	2.121	2.237	2.383
	Índia	1.571	1.669	1.774	1.935	2.157	2.431	2.749	3.111	3.377	3.637	4.070	4.458
	China	3.015	3.339	3.701	4.158	4.698	5.364	6.240	7.330	8.214	9.066	10.128	11.300
	Mundo	42.293	44.235	46.215	48.876	52.658	56.794	61.638	66.755	70.030	70.139	74.604	78.897
PIB per capita em paridade do poder de compra (US\$)	Brasil	7.207	7.358	7.563	7.698	8.231	8.603	9.164	9.894	10.526	10.498	11.314	11.769
	Rússia	7.661	8.273	8.842	9.737	10.779	11.882	13.322	14.899	16.040	14.945	15.657	16.736
	Índia	1.534	1.599	1.673	1.798	1.973	2.190	2.441	2.724	2.916	3.098	3.419	3.694
	China	2.379	2.616	2.881	3.217	3.614	4.102	4.747	5.548	6.185	6.792	7.550	8.382
	Mundo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
População (milhões)	Brasil	171	174	176	179	182	184	186	188	190	191	193	195
	Rússia	146	146	145	144	144	143	142	142	142	142	143	142
	Índia	1.024	1.044	1.060	1.076	1.093	1.110	1.126	1.142	1.158	1.174	1.191	1.207
	China	1.267	1.276	1.285	1.292	1.300	1.308	1.314	1.321	1.328	1.335	1.341	1.348
	Mundo	5.971	6.047	6.123	6.199	6.274	6.384	6.461	6.541	6.620	6.705	6.785	6.834

Variáveis	Países	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
População urbana (% do total)	Brasil	81,2	-	-	-	-	84,2	-	-	-	-	86,5	-
	Rússia	73,4	-	-	-	-	72,9	-	-	-	-	72,8	-
	Índia	27,7	-	-	-	-	28,7	-	-	-	-	30,1	-
	China	35,8	-	-	-	-	40,4	-	-	-	-	44,9	-
	Mundo	46,6	47,0	47,4	47,8	48,2	48,6	49,0	49,4	49,9	50,3	50,7	-
População com idade entre 0-14 (% do total)	Brasil	29,5	29,1	28,7	28,3	27,9	27,5	27,1	26,7	26,3	25,9	25,5	25,0
	Rússia	18,2	17,5	16,8	16,1	15,5	15,1	14,8	14,7	14,7	14,9	15,0	15,3
	Índia	34,7	34,3	33,9	33,4	33,0	32,6	32,2	31,8	31,4	31,0	30,6	30,2
	China	25,5	24,8	24,1	23,3	22,5	21,9	21,3	20,7	20,3	19,9	19,5	19,1
	Mundo	30,2	29,8	29,4	29,0	28,6	28,2	27,9	27,6	27,3	27,1	26,8	26,6
População com idade entre 15-64 (% do total)	Brasil	64,9	65,3	65,5	65,8	66,0	66,2	66,5	66,7	67,0	67,3	67,5	67,8
	Rússia	69,4	69,9	70,3	70,6	70,9	71,2	71,5	71,8	72,0	72,2	72,2	72,0
	Índia	61,1	61,4	61,8	62,1	62,5	62,8	63,2	63,5	63,9	64,2	64,5	64,8
	China	67,5	68,0	68,7	69,3	70,0	70,6	71,1	71,5	71,8	72,1	72,4	72,6
	Mundo	62,9	63,2	63,5	63,9	64,2	64,5	64,8	65,0	65,2	65,4	65,6	65,7
População com idade entre 65 e mais (% do total)	Brasil	5,6	5,7	5,8	6,0	6,1	6,3	6,4	6,5	6,7	6,8	7,0	7,2
	Rússia	12,4	12,7	13,0	13,3	13,6	13,8	13,7	13,5	13,2	13,0	12,8	12,8
	Índia	4,2	4,3	4,4	4,4	4,5	4,6	4,7	4,7	4,8	4,9	4,9	5,0
	China	7,0	7,1	7,2	7,4	7,5	7,6	7,7	7,8	7,9	8,0	8,2	8,4
	Mundo	6,9	7,0	7,0	7,1	7,2	7,3	7,3	7,4	7,5	7,5	7,6	7,7
Relação de dependência (pop. de 0-14 anos mais de 65 anos e mais / pop. de 15 a 64 anos)	Brasil	54,0	53,3	52,6	52,1	51,6	51,0	50,4	49,9	49,3	48,7	48,0	47,4
	Rússia	44,1	43,1	42,3	41,7	41,1	40,5	39,9	39,3	38,8	38,5	38,6	38,9
	Índia	63,8	62,8	61,9	61,0	60,0	59,1	58,3	57,4	56,6	55,8	55,1	54,3
	China	48,1	47,0	45,6	44,2	42,9	41,7	40,7	39,9	39,2	38,7	38,2	37,8
	Mundo	60,3	59,5	58,7	57,9	57,1	56,4	55,8	55,2	54,7	54,2	53,8	53,5

Fonte: FMI e Banco Mundial.

Tabela 2. Dados macroeconômicos – BRIC e mundo

Variáveis	Países	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Variação do PIB (%)	Brasil	4,3	1,3	2,7	1,1	5,7	3,2	4,0	6,1	5,2	-0,3	7,5	2,7
	Rússia	10,0	5,1	4,7	7,3	7,2	6,4	8,2	8,5	5,2	-7,8	4,3	4,3
	Índia	5,2	3,9	4,6	6,9	7,6	9,0	9,5	10,0	6,2	6,6	10,6	7,2
	China	8,4	8,3	9,1	10,0	10,1	11,3	12,7	14,2	9,6	9,2	10,4	9,2
	Mundo	4,7	2,4	2,9	3,7	4,9	4,5	5,2	5,4	2,8	-0,6	5,3	3,9
Inflação ao consumidor (%)	Brasil	7,0	6,8	8,5	14,7	6,6	6,9	4,2	3,6	5,7	4,9	5,0	6,0
	Rússia	20,8	21,5	15,8	13,7	10,9	12,7	9,7	9,0	14,1	11,7	6,9	8,4
	Índia	3,9	3,7	4,5	3,7	3,9	4,0	6,3	6,4	8,3	10,9	12,0	8,6
	China	0,4	0,7	-0,8	1,2	3,9	1,8	1,5	4,8	5,9	-0,7	3,3	5,4
	Mundo	4,5	4,2	3,5	3,7	3,6	3,7	3,7	4,0	6,0	2,5	3,7	4,8
Variação do investimento (FBKF) (%)	Brasil	5,0	0,4	-5,2	-4,6	9,1	3,6	9,8	13,9	13,6	-6,7	21,3	4,7
	Rússia	18,1	10,3	2,8	13,9	12,6	10,6	18,0	21,0	10,6	-14,4	6,1	5,3
	Índia	-1,4	15,3	-0,4	10,6	24,0	16,2	13,8	16,2	3,5	6,8	7,5	5,5
	China	10,0	9,1	13,2	16,4	11,6	11,6	12,4	13,1	9,7	22,5	11,4	9,2
Investimento (FBKF) (% do PIB)	Brasil	16,8	17,0	16,4	15,3	16,1	15,9	16,4	17,4	19,1	18,1	19,5	19,3
	Rússia	16,9	18,9	17,9	18,4	18,4	17,8	18,5	21,0	22,3	22,0	21,8	23,1
	Índia	22,8	25,1	23,8	24,6	28,7	30,3	31,3	32,9	32,3	31,6	30,4	29,5
	China	34,1	34,4	36,3	39,4	40,7	40,1	40,7	39,1	40,8	46,0	45,4	44,4
Variação do consumo das famílias (%)	Brasil	4,0	4,0	0,7	1,9	-0,8	3,8	4,5	8,5	4,4	4,4	6,9	4,1
	Rússia	7,2	9,3	8,3	7,5	12,1	11,7	12,0	14,2	10,5	-4,8	3,0	29,6
	Índia	3,4	6,0	2,9	5,9	5,6	8,5	8,7	9,2	7,1	7,0	8,1	5,5
	China	7,6	5,8	6,6	6,5	7,4	6,2	8,8	10,5	8,3	9,1	5,8	9,9
Consumo das famílias (% do PIB)	Brasil	64,3	63,5	61,7	61,9	59,8	60,3	60,3	59,9	58,9	61,1	59,6	60,3
	Rússia	46,2	48,9	51,2	49,9	49,9	49,4	48,7	49,9	47,4	52,5	49,6	52,1
	Índia	64,8	63,4	64,6	63,9	58,4	57,6	57,0	55,7	58,6	57,3	56,5	58,0
	China	46,7	45,7	44,0	41,8	40,2	38,1	35,2	36,0	34,9	33,9	35,0	37,7

Variável	Países	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Taxa bruta de matrícula do pré-primário	Brasil	60,4	65,3	54,6	67,2	64,0	69,2					
	Rússia	74,5	80,7	83,3	84,1	85,3	86,6	88,2	89,5	89,9	89,9	
	Índia	23,8	24,7	28,3	32,3	34,0	39,0	39,7	47,2	53,8	53,6	54,8
	China	38,3	37,9	34,9	35,4			39,6	42,3	45,2	49,0	53,9
	Mundo	34,1	34,6	34,7	36,2	37,1	39,6	40,9	43,2	45,6	46,6	48,3
Taxa bruta de matrícula do primário	Brasil	150,7	148,5	146,4	142,2	141,0	136,7					
	Rússia	103,1	106,3	114,4	122,0		96,6	96,5	96,6	97,6	98,6	
	Índia	93,8	93,6	94,1	102,1	110,5	112,5	112,8	113,7	116,0		
	China		113,8	114,6	115,0			110,0	110,2	110,9	111,1	111,2
	Mundo	99,3	99,5	100,5	102,5	104,5	105,1	105,2	106,0	106,9	105,7	106,0
Taxa bruta de matrícula do secundário	Brasil	104,4	107,2	110,0	102,3	106,0	105,8					
	Rússia				91,6	85,4	83,1	83,3	84,7	86,0	88,6	
	Índia	45,3	45,5	47,3	49,8	51,4	53,9	54,7	57,0	60,2	59,5	63,2
	China	62,1	63,3	64,4	66,8			73,2	76,1	78,5	80,1	81,2
	Mundo	60,1	60,9	62,0	63,2	64,2	65,0	65,8	67,2	68,5	69,0	70,4
Taxa bruta de matrícula do ensino superior	Brasil	16,1	17,8	20,1	22,3	23,8	25,6					
	Rússia	55,4	61,2	66,5	66,3	70,2	72,2	72,3	73,5	74,7	75,9	
	Índia	9,4	9,6	10,2	10,7	11,1	10,8	11,6	13,3	15,2	16,2	17,9
	China	8,0	10,1	12,8	15,4	17,7	19,4	21,1	21,9	22,4	24,3	25,9
	Mundo	19,1	20,1	21,5	22,5	23,5	24,1	24,9	25,9	27,0	28,1	29,2
Repetidores, primário (% do total de matrículas)	Brasil	25,0	21,5	20,6	20,0	20,1	18,7	-	-	-	-	-
	Rússia	1,2	1,1	0,9	0,8	-	-	0,6	0,5	0,4	0,4	-
	Índia	4,2	3,7	3,6	3,6	3,2	3,4	3,4	3,4	3,4	-	-
	China	-	-	0,3	0,3	-	-	0,3	0,2	0,3	0,3	0,3
	Mundo	5,3	5,1	5,0	4,9	4,7	4,8	4,8	4,8	4,8	4,8	4,7
Repetidores, secundário (% do total de matrículas)	Brasil	18,3	18,0	17,4	19,3	21,9	21,1	-	-	-	-	-
	Rússia		0,9	0,8	0,7	0,7	0,6	0,5	0,4	0,4	0,4	-
	Índia	4,2	4,8	4,8	4,8	4,7	4,7	4,7	-	-	-	-
	China	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Mundo	-	-	-	4,2	-	-	-	-	-	-	-

Variável	Países	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Gastos públicos em educação (% despesas do governo)	Brasil	12,0	11,3	10,8	-	12,3	14,5	16,2	16,1	17,4	16,8	-
	Rússia	10,6	11,5	10,7	12,3	12,9	-	-	-	11,9	-	-
	Índia	12,7	-	-	10,7	-	-	-	-	-	-	-
	China	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Mundo	14,1	13,8	14,4	15,1	14,3	14,6	14,8	14,4	15,6	-	-
Gastos públicos em educação (% do PIB)	Brasil	4,0	3,9	3,8	-	4,0	4,5	5,0	5,1	5,4	5,7	-
	Rússia	2,9	3,1	3,8	3,7	3,5	3,8	3,9	-	4,1	-	-
	Índia	4,4	-	-	3,7	3,4	3,1	3,1	-	-	-	-
	China	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Mundo	4,0	4,3	4,3	4,4	4,3	4,4	4,5	4,4	4,6	-	-

Fonte: FMI e Banco Mundial.

Tabela 4. Saúde – BRIC e mundo

Variável	Países	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
A taxa de mortalidade, infantil (por 1.000 nascidos vivos)	Brasil	31,2	29,4	27,8	26,2	24,8	23,3	22,0	20,8	19,6	18,4	17,3
	Rússia	18,2	17,2	16,2	15,2	14,2	13,2	12,2	11,4	10,6	9,8	9,1
	Índia	62,7	61,1	59,6	58,0	56,4	54,9	53,5	52,1	50,8	49,5	48,2
	China	27,3	25,9	24,6	23,4	22,2	21,0	19,9	18,9	17,8	16,8	15,8
	Mundo	52,0	50,8	49,7	48,6	47,4	46,2	45,1	44,0	43,0	41,9	41,2
Taxa de mortalidade materna (estimativa nacional, por 100.000 nascidos vivos)	Brasil	-	64,0	-	72,0	75,9	53,4	-	75,0	-	-	-
	Rússia	39,7	36,5	33,6	31,9	23,4	25,4	23,8	22,0	20,7	-	17,0
	Índia	-	-	-	301,0	-	-	250,0	-	-	-	-
	China	-	-	-	51,0	-	47,7	41,1	36,6	34,2	32,0	-
	Mundo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Imunização Tríplice Bacteriana (DPT) (% de crianças de 12-23 meses)	Brasil	98,0	98,0	99,0	98,0	96,0	96,0	97,0	97,0	98,0	98,0	98,0
	Rússia	96,0	96,0	96,0	97,0	97,0	98,0	99,0	98,0	98,0	98,0	97,0
	Índia	62,0	60,0	58,0	61,0	64,0	67,0	66,0	70,0	72,0	72,0	72,0
	China	85,0	86,0	86,0	86,0	87,0	87,0	93,0	93,0	97,0	99,0	99,0
	Mundo	74,5	74,5	73,8	75,4	77,4	79,3	80,3	82,1	83,2	84,8	85,1

Variável	Países	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Incidência de tuberculose (por 100.000 habitantes)	Brasil	60,0	58,0	57,0	55,0	53,0	51,0	50,0	48,0	46,0	45,0	43,0
	Rússia	122,0	118,0	112,0	107,0	106,0	107,0	107,0	107,0	107,0	106,0	106,0
	Índia	216,0	216,0	215,0	214,0	212,0	209,0	205,0	201,0	196,0	190,0	185,0
	China	109,0	105,0	102,0	98,0	95,0	92,0	89,0	86,0	83,0	80,0	78,0
	Mundo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Taxa de fertilidade, total (nascimentos por mulher)	Brasil	2,4	2,3	2,3	2,2	2,1	2,1	2,0	1,9	1,9	1,9	1,8
	Rússia	1,2	1,3	1,3	1,3	1,3	1,3	1,3	1,4	1,5	1,5	1,5
	Índia	3,1	3,1	3,0	2,9	2,9	2,8	2,8	2,7	2,7	2,7	2,6
	China	1,7	1,7	1,7	1,7	1,7	1,7	1,7	1,6	1,6	1,6	1,6
	Mundo	2,7	2,6	2,6	2,6	2,6	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5	2,5
Expectativa de vida ao nascer, total (anos)	Brasil	70,1	70,4	70,7	71,0	71,3	71,5	71,8	72,1	72,4	72,8	73,1
	Rússia	65,3	65,5	65,1	65,0	65,4	65,5	66,6	67,5	67,8	68,6	68,8
	Índia	61,6	62,0	62,3	62,7	63,0	63,4	63,7	64,1	64,4	64,8	65,1
	China	71,2	71,4	71,6	71,8	72,0	72,2	72,4	72,6	72,8	73,1	73,3
	Mundo	67,2	67,4	67,6	67,8	68,1	68,3	68,6	68,9	69,1	69,4	69,6
Leitos hospitalares (por 1.000 pessoas)	Brasil	-	-	2,6	-	-	2,4	-	-	-	2,4	2,4
	Rússia	10,9	10,8	-	10,5	9,9	9,7	9,7	-	-	-	-
	Índia	-	-	0,7	0,9	-	0,9	-	-	-	-	-
	China	2,5	2,5	2,5	2,2	3,0	2,5	2,2	-	-	4,2	-
	Mundo	-	-	2,6	-	-	2,9	-	-	-	-	-
Médicos (por 1.000 pessoas)	Brasil	1,2	-	-	-	-	-	1,7	1,7	1,8	-	-
	Rússia	4,2	4,2	4,0	4,3	4,0	4,0	4,3	-	-	-	-
	Índia	-	-	-	-	0,6	0,6	-	-	-	0,6	-
	China	1,6	1,1	1,6	1,4	-	1,5	-	-	-	1,4	-
	Mundo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,4	1,4
Despesas de saúde, público (% do PIB)	Brasil	2,9	3,1	3,2	3,1	3,4	3,3	3,5	3,5	3,7	4,1	-
	Rússia	3,2	3,3	3,5	3,3	3,1	3,2	3,3	3,5	3,1	3,5	-
	Índia	1,3	1,3	1,2	1,2	0,9	0,9	1,1	1,2	1,4	1,4	-
	China	1,8	1,6	1,7	1,8	1,8	1,8	1,8	1,9	2,0	2,3	-
	Mundo	5,3	5,6	5,7	5,8	5,8	5,7	5,7	5,6	5,7	6,1	-

Variável	Países	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Despesa total em saúde (% do PIB)	Brasil	7,2	7,3	7,2	7,0	7,1	8,2	8,5	8,5	8,3	8,8	9,0
	Rússia	5,4	5,6	6,0	5,6	5,2	5,2	5,3	5,4	4,8	5,6	5,1
	Índia	4,6	4,8	4,8	4,6	4,1	4,0	4,0	4,0	4,0	4,2	4,1
	China	4,6	4,6	4,8	4,8	4,7	4,7	4,6	4,4	4,6	5,1	5,1
	Mundo	9,2	9,6	10,0	9,9	9,8	9,7	9,9	9,8	9,8	10,6	10,4

Fonte: FMI e Banco Mundial.

Tabela 5. Infraestrutura social – BRIC e mundo

Variáveis	Países	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Acesso à energia elétrica (% população total)	Brasil	-	-	-	-	-	-	-	-	-	98,3	-
	Rússia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Índia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	66,3	-
	China	-	-	-	-	-	-	-	-	-	99,4	-
	Mundo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	74,1	-
Acesso a instalações sanitárias (% população total)	Brasil	74,0	74,0	75,0	76,0	76,0	76,0	78,0	78,0	78,0	78,0	79,0
	Rússia	72,0	72,0	71,0	71,0	71,0	71,0	71,0	71,0	71,0	71,0	70,0
	Índia	25,0	26,0	27,0	28,0	29,0	30,0	31,0	31,0	32,0	33,0	34,0
	China	44,0	46,0	49,0	51,0	53,0	55,0	57,0	59,0	61,0	63,0	64,0
	Mundo	55,6	56,3	57,3	58,1	59,0	59,7	60,5	61,1	61,5	62,1	62,5
Acesso à água potável (% população total)	Brasil	94,0	94,0	94,0	95,0	95,0	96,0	96,0	97,0	97,0	97,0	98,0
	Rússia	95,0	95,0	95,0	95,0	96,0	96,0	97,0	97,0	97,0	97,0	97,0
	Índia	81,0	82,0	83,0	85,0	85,0	86,0	88,0	89,0	90,0	91,0	92,0
	China	80,0	82,0	83,0	84,0	85,0	87,0	87,0	89,0	89,0	90,0	91,0
	Mundo	82,5	83,3	83,9	84,6	85,0	85,8	86,3	87,1	87,4	87,9	88,4

Fonte: Banco Mundial.

Tabela 6. Pobreza e distribuição de renda – BRIC

Variáveis	Países	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Participação na renda dos 10% mais pobres	Brasil	0,58	-	0,5	0,6	0,6	0,7	0,7	0,7	0,7	0,8	0,8	-
	Rússia	2,48	-	2,5	2,8	2,7	2,7	2,7	2,3	2,4	2,6	2,8	-
	Índia	-	-	-	-	-	-	3,8	-	-	-	-	-
	China	2,73	-	-	2,3	-	-	1,8	-	-	-	-	-
Participação na renda dos 20% mais pobres	Brasil	2,2	-	2,07	2,29	2,27	2,51	2,76	2,64	2,77	2,87	2,85	-
	Rússia	6,22	-	6,1	6,9	6,6	6,6	6,5	5,7	5,7	6,0	6,5	-
	Índia	-	-	-	-	-	-	8,6	-	-	-	-	-
	China	6,39	-	-	5,5	-	-	5,0	-	-	-	-	-
Participação na renda dos 20% mais ricos	Brasil	63,78	-	63,9	63,4	62,4	60,9	61,4	60,9	59,8	59,0	58,6	-
	Rússia	44,05	-	46,2	42,9	44,3	44,1	44,4	48,4	50,0	48,9	47,1	-
	Índia	-	-	-	-	-	-	42,4	-	-	-	-	-
	China	46,1	-	-	48,6	-	-	47,9	-	-	-	-	-
Participação na renda dos 10% mais ricos	Brasil	47,38	-	47,7	46,8	46,3	45,4	45,5	44,7	43,8	43,3	42,9	-
	Rússia	27,94	-	30,4	27,1	28,6	28,2	28,6	32,4	34,5	33,5	31,7	-
	Índia	-	-	-	-	-	-	28,3	-	-	-	-	-
	China	29,72	-	-	31,7	-	-	32,0	-	-	-	-	-
Participação da população que ganha menos do que US\$ 2 por dia (PPP) (% da população)	Brasil	21,32	-	21,7	20,2	20,6	18,6	16,6	14,4	13,2	11,3	10,8	-
	Rússia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Índia	-	-	-	-	-	-	75,6	-	-	-	-	68,7
	China	61,44	-	-	51,2	-	-	36,9	-	-	29,8	-	-

Fonte: Banco Mundial.